

## As palavras são úteis quando seguidas de actos que lhes dêem plena realização

Os grandes problemas não se resolvem com palavras, mas com actos. Há entre nós o hábito de se empregarem muitas palavras para tratar de assuntos que mais requerem energia e actos do que palavras. Com o problema da crise de trabalho já se têm gasto muitos vocabúlos que na sua grande maioria se têm perdido no vácuo.

Os governos cuja atenção tem sido sucessivamente solicitada para esta magna questão têm também empregado muitas palavras que se cifram em promessas até hoje não cumpridas.

Todos eles prometem ir estudar o assunto, que é a velha maneira governamental de pôr de remissa a resolução dos mais importantes problemas, iludindo o interessado que se embala em doces esperanças que nunca chegam a ter realização.

Pecamos todos por nos deixarmos embalar nas boas palavras e sucede, por vezes, que chegamos a iludir-nos com as nossas próprias palavras.

Parece que, neste momento, alguns importantes organismos operários vão começar a agir. Três federações importantes, a dos Corticeiros, a Vinícola e a das Conservas vão reunir-se em conferência para apreciar o problema da crise de trabalho. Oxalá em vez de resoluções que o caso refere, os delegados não desperdicem o seu tempo com palavras, muitas palavras.

O momento é grave e cada minuto que passa é de sofrimento. Cada minuto vale por um século. Inúmeras pessoas, uma legião de trabalhadores, esperam ansiosamente que a sua situação se modifique. E ela modificar-se-á, estamos certos, se da parte de todos os interessados houver energia, boa vontade e inteligência. E' preciso, pois, acabar com a era das palavras para dar início a uma época futura de actos decisivos, dos quais o proletariado possa aproveitar-se com vantagem.

### TEMAS DE ACTUALIDADE

## A consciência de classe, única garantia de triunfo da causa dos trabalhadores

A moderna organização sindicalista propõe-se como a precursora de uma sociedade mais equitativa; e a sua missão será de grandes efeitos se os seus elementos morais souberem lutar-se e embriagarem que lhes pode ser inútil por falsas teorias que os desviariam do verdadeiro caminho.

Não deixemos de ponderar que a prática é a fonte mais salutar, onde se poderá beber uma limpa noção dos problemas sociais. Aspiramos a uma sociedade, onde se não impunham deveres sem a afirmação de direitos, onde a razão seja norma de justiça. E' pelo advento dessa nova sociedade que cotidianamente damos o nosso esforço, acalentando todo o nosso ideal, mas sem deixar de ter em boa conta a distância que vai das intenções aos factos, tantas vezes sentindo o peso da evidência. Reconhecemos que se torna insuficiente o campo onde se reúnem os explorados que anseiam menos por pão do que por justiça; mas o nosso idealismo leva-nos à questão moral, cuidando de tornar a nossa conduta em coerência com as nossas opiniões e tendo por culto a solidariedade e o respeito entre os homens.

Desta forma ficará implicitamente traçado o caminho: respeitar as opiniões dos outros, dentro dum critério são e dos nossos sentimentos de liberdade, sem deixar de fazer a demonstração do que nos outros consideramos um erro. Quando seja sincero, cada um procurará instintivamente certificar-se do erro provável ou inexistente, no sensato desejo de não contribuir para que se avolumem o desprestígio da sua classe, se alguma vez se tiver manifestado, porque o contrário seria retardar o triunfo da nossa causa, assim favorecendo o inimigo de toda a classe operária.

A situação económica e social do trabalhador é hoje profundamente deplorável. São poucas as garantias de liberdade, aliás conquistadas com homérico sacrifício; a exploração patronal faz sofrer dolorosamente os trabalhadores; e a crise de trabalho parece já ser uma represália contra o espírito de classe do operariado, afectando a força e a unidade dos sindicatos, neste momento tão imprescindíveis aos nossos objectivos ideais.

Se todos os produtores têm deveres sociais a cumprir, logicamente assiste-lhes o direito de reclamar direitos e a defendê-los em todas as conjunturas. As classes têm, pois, de pugnar pelos seus interesses legítimos, organizando-se em sindicatos cuja acção solidária lhes proporcione o bem-estar. E os sindicatos devem as classes insular vida para que do seu esforço resultem largos benefícios e se preparem melhores dias para os vindouros.

Leiam o Suplemento de A BATALHA

## O descanso dominical para a imprensa

UMA VELHA ASPIRAÇÃO

Porque não se efectiva uma regalia que também beneficia o público e as empresas para a imprensa. Será desta vez que ele será implantado? A essa velha reclamação dos trabalhadores de imprensa deu A Batalha há muito alguma coisa mais do que a sua adesão plácida: perfilhou-a, pondo-a em prática. Há anos que A Batalha não se publica às segundas-feiras. Nesse dia também não se publica a maioria dos jornais e entre os que atenderam essa reclamação contam-se O Mundo, O Rebate, e o Jornal do Comércio, que é o mais antigo de todos. Ao domingo também não se publicam todos os jornais da tarde e da noite: Diário de Lisboa, Diário da Tarde, Tarde, As Novidades estão inteiramente de acordo com esta medida e ainda a não puzeram em prática devido à sua rivalidade com A Época e esta por sua vez com receio da concorrência de outros jornais.

A reclamação do descanso dominical para a imprensa não beneficia unicamente os que nela trabalham, beneficia também o público e as próprias empresas. Beneficia o público porque lhe poupa um dia por semana a compra dum ou mais jornais, sem que por isso fique privado de ter as notícias que o interessam. O domingo é um dia morto e os jornais da segunda-feira não podem deixar de ser inspidos, quasi não interessando os leitores.

O jornal é a crónica rápida, nervosa, impressiva da vida—e o domingo é um dia em que não se passa nada. Os operários não trabalham e não há, portanto, greves que comecem ou greves que acabem nesse dia; a Bolsa não funciona e, portanto, o câmbio não sobe nem desce; os ministerios cerram as suas portas e a política não dá por isso uma notícia que interesse.

O resto da vida paralisa igualmente, excepção feita a uma ou outra sessão solene a um ou outro acto público que não perde por aguardar mais 24 horas para chegar ao conhecimento do público. Além de que se caminha a passos largos para a semana inglesa, sendo num futuro próximo o domingo um dia ainda mais vasto do que actualmente, visto que suspendendo a actividade industrial e comercial à 1 hora da tarde, alguns acontecimentos, os raros acontecimentos que se efectuam nesse dia passarão a dar-se aos sábados. Estas são, sumariamente expostas, as vantagens que dá ao público o descanso dominical. As das empresas podem resumir-se ainda mais: os jornais vivem numa situação deficitária por várias razões, entre elas a de quasi não existir a imprensa como a indústria, a percentagem de analfabetos que sendo de 75 %, num país de escassa população restringe muito as tiragens, a carestia enorme do papel, de materiais, as despesas de instalação, luz, tipografia, impressão, redacção, informação, serviço telegráfico, etc., etc. A suspensão dos jornais um dia, semanalmente, atenuaria bastante esse deficit, visto que muitas das suas principais despesas seriam eliminadas. O descanso dominical já existe em vários países, entre eles a Espanha, Itália, Bélgica, Brasil e várias nações sul-americanas. Porque não se implanta entre nós essa justa medida? Escusado será dizer que a Batalha, onde ela há anos foi posta em prática a apoio, como de resto apoia todas as reclamações justas das classes trabalhadoras.

Se o momento é grave e cada minuto que passa é de sofrimento. Cada minuto vale por um século. Inúmeras pessoas, uma legião de trabalhadores, esperam ansiosamente que a sua situação se modifique. E ela modificar-se-á, estamos certos, se da parte de todos os interessados houver energia, boa vontade e inteligência. E' preciso, pois, acabar com a era das palavras para dar início a uma época futura de actos decisivos, dos quais o proletariado possa aproveitar-se com vantagem.

### TEMAS DE ACTUALIDADE

## A consciência de classe, única garantia de triunfo da causa dos trabalhadores

A moderna organização sindicalista propõe-se como a precursora de uma sociedade mais equitativa; e a sua missão será de grandes efeitos se os seus elementos morais souberem lutar-se e embriagarem que lhes pode ser inútil por falsas teorias que os desviariam do verdadeiro caminho.

Não deixemos de ponderar que a prática é a fonte mais salutar, onde se poderá beber uma limpa noção dos problemas sociais. Aspiramos a uma sociedade, onde se não impunham deveres sem a afirmação de direitos, onde a razão seja norma de justiça. E' pelo advento dessa nova sociedade que cotidianamente damos o nosso esforço, acalentando todo o nosso ideal, mas sem deixar de ter em boa conta a distância que vai das intenções aos factos, tantas vezes sentindo o peso da evidência. Reconhecemos que se torna insuficiente o campo onde se reúnem os explorados que anseiam menos por pão do que por justiça; mas o nosso idealismo leva-nos à questão moral, cuidando de tornar a nossa conduta em coerência com as nossas opiniões e tendo por culto a solidariedade e o respeito entre os homens.

Desta forma ficará implicitamente traçado o caminho: respeitar as opiniões dos outros, dentro dum critério são e dos nossos sentimentos de liberdade, sem deixar de fazer a demonstração do que nos outros consideramos um erro. Quando seja sincero, cada um procurará instintivamente certificar-se do erro provável ou inexistente, no sensato desejo de não contribuir para que se avolumem o desprestígio da sua classe, se alguma vez se tiver manifestado, porque o contrário seria retardar o triunfo da nossa causa, assim favorecendo o inimigo de toda a classe operária.

A situação económica e social do trabalhador é hoje profundamente deplorável. São poucas as garantias de liberdade, aliás conquistadas com homérico sacrifício; a exploração patronal faz sofrer dolorosamente os trabalhadores; e a crise de trabalho parece já ser uma represália contra o espírito de classe do operariado, afectando a força e a unidade dos sindicatos, neste momento tão imprescindíveis aos nossos objectivos ideais.

Se todos os produtores têm deveres sociais a cumprir, logicamente assiste-lhes o direito de reclamar direitos e a defendê-los em todas as conjunturas. As classes têm, pois, de pugnar pelos seus interesses legítimos, organizando-se em sindicatos cuja acção solidária lhes proporcione o bem-estar. E os sindicatos devem as classes insular vida para que do seu esforço resultem largos benefícios e se preparem melhores dias para os vindouros.

Leiam o Suplemento de A BATALHA

## Enquanto os grandes responsáveis gosam protecção escandalosa os pequenos empregados do Angola e Metrópole sofrem duras privações

Afonso de Sousa Monteiro, filho do Presidente do Tribunal da Relação de Lisboa andou negociando em trigo com notas de Alves dos Reis e ninguém o encomodou—Que relações teve a Moagem com o Angola e Metrópole?—Porque recebeu o «Diário de Notícias» 10.000 libras do Angola e Metrópole?

Nesta questão do Angola e Metrópole os pequenos é que sofrem. E a arria meada é a sacrificada aos interesses mais altos. Ontem, nesta febre de arrolamentos que atacou a investigação, foi arrolado o cerco de pesca de Santo António que pertencia a uma firma de que fazia parte Alves Reis. Cerca de quarenta homens ficam à míngua; à fome, nesta época em que a indústria da pesca está atravessando uma crise terrível. São mais uns tantos famintos a juntar aos muitos que já existem.

Não pensaram as pessoas a quem o assunto está superiormente afecto na situação em que ficam todos esses trabalhadores que pertenciam ao Banco Angola e Metrópole e às firmas de Alves Reis. Há cerca de dez meses que os empregados bancários do Angola e Metrópole lutam com as maiores dificuldades, misérias mesmo que curtem em silêncio na esperança de que os poderes públicos deles se lembrem um dia.

Enquanto estes factos confrange-se, produzem, os grandes culpados da burla das notas, os maiores responsáveis desse delito gosam as delícias de uma liberdade cheia de abundância.

Este espectáculo é extremamente desmoralizador para as camadas populares. Um empregado, lesado pelas investigações, que tenha mulher e filhos para sustentar e não possua em sua casa um celil de seu, pensa, ao auge do desespero, que nesta sociedade imoral vale mais ser um inocente corrupto do que um empregado honesto.

Ele sabe que os grandes do Banco de Portugal tiveram com Alves Reis as relações mais estreitas, os negócios mais ilícitos, e vivem na consideração de toda a gente—e não se ha-de revoltar?

Tanta gente teve relações com Alves Reis e só os humildes sofrem, só os pequenos suportam os horrores da miséria. Uns empregados estão na cadeia, como se tivessem culpa dos negócios do patrão, outros passam necessidades, sem que tampouco tivessem culpa desses negócios.

Sabe-se, por exemplo, que em Setembro de 1925, pouco antes do escândalo das notas rebeitar, no escritório de Alves Reis realizaram-se várias conferências entre Pina Lopes, da Moagem, Beirão da Veiga, do Diário de Notícias—sinónimo de Moagem—e Alves Reis e José Bandeira. Após essas recatadas conferências seguiu-se para o Alentejo Afonso de Sousa Monteiro, um dos gerentes da firma Alves Reis e

telegrafou ontem novamente ao sr. governador civil da Horta, instando por pormenores e perguntando quais os viveres mais necessários, a fim de seguirem amanhã no transporte de guerra «Pero de Alenquer». No ministério da Guerra deixou-se de pensar na formação sanitária, visto ter sido dispensada pelo governador civil e trabalhase na organização da força de engenharia.

A noite constava que os mortos na catástrofe eram em número de 12 e o de feridos ultrapassa de 200. Embora com menor intensidade, continuam os abalos sísmicos.

No Diário do Governo safu já o decreto que abre no ministério das finanças a favor do mesmo ministério, um crédito extraordinário da quantia de 2.000.000\$000, destinado a ocorrer às «despesas com os socorros reclamados pelos desastres produzidos na ilha do Faial pelo abalo sísmico no dia 31 de Agosto de 1926. As despesas a que se refere este artigo são as respeitantes a auxílios aos sinistrados, a construções provisórias para seu abrigo, a abonos extraordinários ao pessoal que tenha de deslocar-se para prestação daqueles socorros, a totalidade dos vencimentos do pessoal especialmente convocado, e ao transporte de pessoal e de material.

Largou ontem depois da meia noite para a Horta o cruzador «Adamastor», levando a seu bordo barracas e camas de campanha, trem de cozinha, material cirúrgico, pensos, soro antitetânico, bem como o material que acompanha a brigada de engenharia composta de três oficiais daquele regimento, seis sargentos e 50 praças e ainda alguns géneros alimentícios.

Também seguem a bordo do referido navio para despesas a fazer com os socorros a prestar e outras despesas, a quantia de mil contos em notas do Banco de Portugal.

Segue hoje a canhoneira «Beira» do comando do 1.º tenente sr. Oliveira Lima, para a Horta, a fim de prestar os auxílios necessários. Hoje deve também seguir para ali o

filho do juiz presidente do Tribunal da Relação de Lisboa. Sabemos que Sousa Monteiro adquiriu em seu nome muitos vagões de trigo com as célebres notas de 500 escudos tipo «Vasco da Gama». Quando rebeitou o escândalo do Angola e Metrópole a maioria do trigo não tinha sido vendido por Sousa Monteiro. Como teriam sido feitas essas liquidações e porque prego Sousa Monteiro adquiriu e vendeu o trigo?

Será possível que o hábil Alves Ferreira não tivesse conhecimento destes factos só porque o atingido era um filho do juiz presidente do Tribunal da Relação de Lisboa?

Como estes exemplos são desmoralizadores para aqueles pequenos empregados sem cotação, que não souberam roubar, e que por isso mesmo se vêem a braços com a miséria!

Quais as razões por que os juizes investigadores, tão espertos, tão argutos, permitiram que Sousa Monteiro, filho do juiz, fosse o liquidatário do trigo adquirido em nome dele, com notas de 500 escudos de «Vasco da Gama» que não eram dele—e ao mesmo tempo deixavam apodrecer nos escritórios de Alves Reis a cravagem de centeio que não estava em nome de Sousa Monteiro?

Depreende-se de tudo isto que houve uma protecção escandalosa a esse homem, cujas relações com a firma Alves Reis eram bem conhecidas. Entretanto, os empregados do Banco Angola e Metrópole esperam há dez meses uma protecção que seria legítima visto que, sendo trabalhadores honrados e alheios aos negócios dos patrões, não podem, não devem sofrer por culpas que não lhes pertencem.

E não seria interessante saber-se, tim-tim por tim-tim, porque motivo, depois dessas conferências havidas entre Pina Lopes, Beirão da Veiga, Alves Reis e José Bandeira, mandou Alves Reis comprar o trigo em nome de Afonso de Sousa Monteiro?

Que ligações teria a Portugal e Colónias, a Moagem, com o Angola e Metrópole e o Diário de Notícias que de lá recebeu dez mil libras?

Quais as razões em que se basearam os juizes investigadores para mandarem prender todos os empregados de Alves Reis que trabalhavam com as notas de 500 escudos e deixarem à solta o filho do presidente da Relação de Lisboa?

Ainda havemos de saber como todos estes negócios se fizeram. A's vezes o tempo é o melhor reporter...

transporte de guerra «Pero de Alenquer», com géneros alimentícios e mais material.

Uma manifestação da Câmara Sindical de Lisboa

A Comissão Instaladora da Câmara Sindical do Trabalho, ao apreciar a terrível catástrofe que ocorreu na cidade da Horta, que produziu prejuízos incalculáveis que veio agravar mais ainda o operariado respectivo, resolveu lançar na acta um voto de profundo pesar por tão infasto acontecimento e apresentar aos camaradas dessa cidade a expressão sincera do seu sentimento.

O apelo da Cruz Vermelha

Tendo a Cruz Vermelha apelado para a generosidade pública e tendo-se posto à disposição das pessoas que desejem concorrer para diminuir tanto quanto possível o sofrimento dos que ficaram feridos ou sem casa no terrível desastre sucedido na ilha do Faial, já ontem à Tesouraria da mesma Instituição foram algumas pessoas levar dinheiro conforme a indicação abaixo: G. N. C., 10\$00; D. Ernelinda Saque, 20\$00; Luís Ribeiro, 20\$00.

O Casa Pia Atlético Club vai organizar o «Dia do Faial»

A Direcção do Casa Pia Atlético Club a quem a Horta dispensou um carinhoso acolhimento quando da sua visita aos Açores, resolveu tomar a iniciativa de organizar o «Dia do Faial» procurando obter a realização nesse dia, de dois ou três encontros de futebol cuja receita reverteva a favor das vítimas da catástrofe.

E' pois provável que nessa grande manifestação de solidariedade tome parte o Marítimo, do Funchal, e alguns dos mais importantes clubes de Lisboa.

### A CRISE NO ALGARVE

## Já chegou a Lisboa a grande comissão que vem tratar do magno problema

Se não forem tomadas imediatas providências a população da provincia terá que abandoná-la

Está novamente em Lisboa uma comissão de representantes de todos os ramos de actividade do Algarve para tratar do magno problema da crise de trabalho que afecta aquela provincia.

A comissão aggregou a si delegados de especialidade semelhantes de todo o sul e centro do país, compreendendo Lisboa, que em conjunto reclamaram do governo a adoção de medidas que ponham cõbto à fome que campeia no Algarve, particularmente no litoral.

Ontem mesmo esta comissão iniciou os seus trabalhos sob a presidência do governador civil de Faro, sr. Leonel Vieira, reinidindo na Associação Commercial, pelas 14,30 horas, em conferência, os delegados do sul e do centro do país para combinarem a acção a desenvolver em comum.

Para hoje está marcada uma audiência com o general Carmona que foi ontem solicitada.

Escusado será referir quais os motivos que trouxeram a Lisboa os representantes das colectividades algarvias. No nosso artigo de ontem esses motivos eram explicados.

O Algarve atravessa neste momento uma situação muito melindrosa. O mar não fornece à industria de conservas o pescado necessário para o seu funcionamento. E não faz esse fornecimento porque não o possui.

Os espanhóis com os seus processos de pesca afugentaram toda a sardinha da costa e inutilizaram a riquíssima fauna submarina. A costa algarvia, outrora tão abundante de peixe, está neste momento despovoada do precioso alimento.

E sem ele a industria de conservas não poderia viver. E morta a industria conservadora morreriam também as industrias derivadas e veiu a fome da laboriosa população.

Esta situação de miséria não vem de hoje, vem de alguns meses, quiza de alguns annos. Várias têm sido as reclamações apresentadas aos poderes públicos para a solução do caso.

Quando eclodiu o movimento de 28 de Maio encontrava-se em Lisboa uma comissão de representantes do operariado algarvio, que vinha entregar ao governo de António Maria da Silva uma representação advogando algumas medidas de carácter immediato.

Tendo coincido a sua estada na capital com o movimento militar a referida comissão fez transitar para o governo do comandante Cabeçadas as suas reclamações e aguardou melhores dias para a provincia de que era representante.

Agora vem uma outra comissão reclamar do governo: a prohibição da pesca durante os meses da desova—de Dezembro a Março; um mínimo de dimensões das malhas e um máximo de dimensões das redes; a prohibição da pesca da baleia—que é a canhão de arpoes—, uma rigorosa fiscalização na costa e a applicação de severas sanções aos contraventores, como seja a apreensão dos barcos e das redes.

Estará disposto o governo a atender os justissimos e humanos desejos dos algarvios? Se está disposto a praticar esse acto de justiça não faça demorar as suas ordens, porque quanto mais tempo durar esta situação maior será a fome a assolar a provincia.

E se não tomar as medidas que o gravissimo caso require, o Algarve ficará dentro em pouco despovoado porque a população para não perecer à fome lançará mão do derradeiro recurso—a emigração.

## Notas & Comentários

### Descanso dominical

Os lojistas barbeiros reúnem-se ante-ontem em assembleia geral para discutir a questão do descanso dominical. Este assunto vem apaixonando há tempos a classe dos operários barbeiros, visto que alguns lojistas ambiciosos pretendiam acabar com o descanso ao domingo. Porém na assembleia geral dos lojistas triunfou o bom critério, visto que foi repudiado o mesquinho critério desses ambiciosos e se assentou em manter a todo o transe o descanso dominical.

### Mudança de nomes

Duas localidades vão agora mudar de nome: Cai Agua e Casal do Ouro. A primeira é uma povoação deliciosa da linha de Cascais, a segunda fica ali para os lados do Cartaxo, onde se cultivava o bom vinho. Cai Agua passa a denominar-se S. Pedro do Estoril e Casal do Ouro, Vila Chã de Ourique. Aqui se avisa o publico nesta sucinta nota para que conste e para que deixe de bom humor quem tiver que deixar.

«A BATALHA» no Funchal vende-se No Bureau de La Presse.

### «SALVEMOS AS RAPARIGAS»

## Uma campanha moral feita por partidários de todas as iniquidades sociais

Como o meu anterior artigo acerca desta interessante assunto se pode prestar a interpretação de várias espécies e entre elas a de que combato ou pretendo combater a benéfica e prestante acção da Associação Internacional de Protecção ás raparigas, ou a obra, a todos os títulos notável, dos vários estabelecimentos congéneres, forço-se que eu o esclareça.

Para os que convenientemente me tiverem lido, escusado será dizer que não combato a obra daqueles que por qualquer maneira tenham ou venham a contribuir para evitar que mais alguma ou algumas desgraçadas caiam no pântano em que tantas já mergulharam, pois que isso seria, além duma crueldade, a negação dos princípios que creio professor ou defender, mas aos outros, áqueles que só por alto tentaram compreender é que é necessário mostrar que apenas discordo da maneira de actuar, pois que enquanto eles se limitam a estender a mão áquele que tem a felicidade de os encontrar e de gosar a sua protecção, os outros, os tais visionários, que por vezes sofrem o castigo duma tal ousadia, pretendem estendê-la a todas ao mesmo tempo, mais: a inutilizar as causas que podem concorrer para a sua intervenção.

O facto de imputar á sociedade a origem do mal não vem de mim, mas de outros que, com mais autoridade e conhecimentos, se não cansam de a atacar, e entre eles destacarei um que a seu respeito escreve:

«A sociedade é o algaz do pobre, algaz feroz, algaz que busca os tormentos mais exquisitos para torturar a sua vítima—algaz na dignidade do homem, nas afecções do coração, nas aspirações para o grandioso, algaz até no consequimento daquilo de que ela faz depender, esse compêndio de convenções, na maior parte ridiculas e criminosas, de que o homem tem dependente o brio e a honra—a honra do mundo.»

«Ninguém se pode considerar pelo que sabe, mas sim pelo que tem; não a virtude, mas sim a tua bolsa—disse Aleman, no Guesman de Alfarrache. E ainda bem que a pobreza acarreasse unicamente consigo a indiferença do mundo. O pobre tinha ainda a felicidade de portas adentro, a felicidade da família; e se com ela se não contentasse, não podia queixar-se senão da sua ambição e da sorte.»

Mas a pobreza vai mais longe. O dinheiro é não só a nobreza e a importância social, é também a honra, o bom nome, e portanto a felicidade. O mundo treme-se para o dinheiro, ou antes os homens fizeram do mundo o domínio do dinheiro.

Qual é o meio que tem o homem para satisfazer aos caprichos convencionais da sociedade? O dinheiro e sempre o dinheiro! Nem mesmo portas adentro da sua própria casa é consentida ao pobre a felicidade, porque até lá o segue o desespero, a reprovação e o anátema se não possui dinheiro, pelo menos o preciso para satisfazer as suas exigências ferozes e implacáveis.

De toda e qualquer forma que consideremos o pobre, a desventura é sempre a vida dele, desde que nasce até que morre, desde que começa a sentir o que é a vida até que sucumbe ou embrutece diante das terríveis realidades dela.

No entanto, o pobre é tão homem como o rico. Como ele sente, como ele tem aspirações, como ele sonha a felicidade, assim como é igual com ele em todos os males e em todas as fraquezas do organismo e do espirito. Pensar, porventura, que a pobreza mata no homem o instinto da grandeza, da felicidade e da importância—é rematada tolice. O pobre possui o muito mais sensível de que o rico, muito mais exigente, muito mais torturado, porque o tem acrobilado na miséria e acrobilado na equiparação que faz entre ela e a felicidade que pela riqueza aos ricos é proporcionada.

Pensais por acaso que vendo-vos enfiados num dia gelado, ociosos nos cafés, divertidos nos bailes e nos teatros e esprengidos comodamente nos cochins dum bom automóvel, o pobre que vai passando, a tiritar de frio, extenuado pelo trabalho, reduzido á única distracção da taberna e obrigado a caminhar a pé léguas e léguas para ganhar o bocado do intragável pão, não sente medonhamente a diferença que há entre ele e o rico? Sente, e sofre mais ainda do que vós pensais e de que gosais, porque a consciência da sua miséria irrita nele a imaginação dos vossos gosos!

A riqueza que cerca o pobre fá-lo pobre duas vezes, pobre porque o é e pobre porque a comparação que faz entre si e o rico, lhe dá a sentir ainda mais a pobreza.

Mas a infelicidade dele não pára aqui. Depois do instinto vem a sociedade, depois da consciência vem o algar, para quem a dinheiro é tudo, onde sem dinheiro nada se tem, nem pão, nem terra, nem justiça sequer!

Dinheiro, dinheiro—eis a palavra sacramental, a alavanca com que se pode levantar o mundo.

Falais da sociedade, sempreque isto vos aprez, mas a sociedade sois vós, é o código por onde ela se rege, que calca o pobre, que lhe amargura a vida, e que tudo lhe dificulta desde que á vossa conveniência e exploração se não curve. O pobre é vossa pária, é o vosso ilota, é na escala dos seres uma coisa que pouco acima está de um mau jumento ou dum enfiado boi. Calcais-lo, desprezais-lo e ousais até tentar contra a sua liberdade, escravizando-o.

Fazeis mais ainda; exigis que vos agradeça, que vos bendiga a mão que por orgulho lhe estendeis com a esmola ou com o ludíbrio da salvação, do resgate ou da regeneração, como se tudo isso não fosse uma mentira uma infâmia e quasi um desafio.

Na verdade como se poderá estirpar esse vergonhoso cancro se continuas a querer cortar o mal pela rama e a deixar que as raízes viçosas e uberrimas cada vez mais produzam e se multipliquem? A acção é boa na verdade, mas porque não visa ela as mil e uma causas geradoras? Porque não co-



meça por combater o infame amontoado de famílias que a falta de casas e numa mistura horrível para si se agrupam e por carência de habitação para si existem; as chamadas casas de passe, algumas existentes até no coração da cidade e as intoleráveis e perigosas casas de pernoitar e quartos de pouca permanência, de que muita matrona se governa e razoáveis patifos vivem?

Porque se não combate também a negrada exploração que um patronato ladravaz e rapinante de mistura com uma finança desonestas e um industrialismo mercantilista exerce, se todos conhecem que isso é outra das fontes do grande combater?

Se não combatemos o mal por esse lado, que é então que tentamos fazer, se o próprio jornal que nos dá a ler anúncios em que uma imensidão de desgraçadas a tróço de uns simples escudos se não importa de alugar o seu corpo, aos dias, às horas e até em momentos Poderemos nós, que idealizamos uma sociedade em que o amor não seja uma palavra vaga e o casamento um laço de truição ou desgraça, e que como tel somos atraídos para o lado das prisões ou catres dos hospitais, tomar a sério uma tal campanha de moralidade se ao ler-mos o jornal em questão, deparamos com lado com o inevitável «Salvem os Raparigas» e do outro o anúncio «Senhora nova, pede empréstimo a cavalheiro para pagar como se combinam?»

Creio bem que não, pois a descobrir o intento estão esses anúncios como estão os anúncios de «Quarto para pouca permanência» e o estado de aniquilamento em que os acionistas desse mesmo jornal estão colocando a população, pelo acambramento, pela carência e até pela adulteração de gêneros de primeira necessidade. Combatamos sim a miséria que por aí se estadia, desde as cadeiras chics da Avenida em que com respeito algum pela moralidade as mais infelizes criaturas exibem a beleza (?) do seu corpo, até a esse descaramento, que é o baile das sopelras; mas dentro dos nossos sindicatos, pela renovação da sociedade, pelo alargamento da escola e pela difusão duma moral nova, mais sã e mais completa, sem mulheres que se aluguem, homens que se explorem e crianças que se vendam.

Paulo EMILIO

### Rápidos entre Lisboa e Porto aos domingos

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses resolveu que a partir de 5 de Setembro próximo, os comboios rápidos entre Lisboa e Porto que partem respectivamente de Lisboa às 17.30 e do Porto às 8.7 passam a efectuar-se também aos domingos.

### “Educação Social”

Revista de pedagogia e sociologia dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA. Publicação mensal. Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit.—R. dos Retreiros, 125—LISBOA. A venda na administração de «A Batalha».

### Sindicância aos actos de duas empregadas do Lactário n.º 1

Tendo-se dado factos anormais na Lactário Municipal n.º 1, à Graça, o vogal da Comissão Administrativa, tenente-coronel sr. António Bivar de Sousa, suspendeu a encarregada Angelina Pinheiro e a ajudante Adelaide Pinto, ordenando uma sindicância aos actos das duas empregadas.

### Horário de trabalho

#### As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 30 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$3. Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abastecimento de 50 por cento em preços de 50 folhetos.

Deixam a administração de A BATALHA

### DESPORTOS

#### Motociclismo

##### A volta ao mundo

No dia 30 de Agosto, dois motociclistas, montando duas motocicletas com side-car, uma guiada pelo sr. J. P. Castley, sub-editor de «The Motor Cycle» e a outra pelo muito conhecido corredor sr. B. H. Cathrick, saíram de Inglaterra para dar a volta ao mundo.

Contam passar por França, Espanha, Itália, Tchecoslováquia, Hungria, Iugoslávia, Bulgária, Turquia, Ásia Menor, Palestina, Síria, Mesopotâmia, Índia, Pérsia, F. M. S. & Strait Settlements, Sumatra, Java, Austrália, Nova Zelândia e Portugal, percorrendo 32000 quilómetros por terra.

### Edições SPARTACUS

#### Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Camilo Lima, 3500.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6500.

No Sertão d'África (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6500.

A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

### TEATRO NACIONAL

### HOJE

#### COMPANHIA

Ida Stichini-Alexandra Azevedo

A representação da comédia em 3 actos de Raul Gerdal e Robert Spitzer, tradução de Maria de Sofia Mayor e Carlos Abreu

### Se eu quisesse...

#### Nos principais papeis:

Germana—Ida Stichini. Marcela—Albertina de Oliveira. Luisa—Maria Emilia. Filipe—Alexandre Azevedo. Berthier—Raul de Carvalho. Panon—Luís Pinto. René—Octávio Brandão.

## Nota oficial do Secretariado Central do N. J. S. de Lisboa

O Secretariado Central do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, tendo seguido com a máxima atenção os incidentes que se deram na C. G. T., não podia, por forma alguma, ficar silencioso, depois da assembleia geral deste Núcleo lhe ter incumbido a elaboração duma nota oficial sobre o assunto. Os incidentes passados na C. G. T. não prestariam ninguém; antes pelo contrário, envergavam todos aqueles que lutam em prol da causa revolucionária. O Secretariado Central do N. J. S. de Lisboa, conhecendo os indivíduos que levantaram a questão, reconhece nalguns deles qualidades de trabalho, não lhes reconhecendo, porém, o direito de desmantelar a organização operária; por isso, ao dar publicidade a esta nota oficial, tem por fim pôr de aviso todos os jovens sindicalistas, assim como marcar a sua posição ante esses incidentes, perante a mesma organização.

As Juventudes Sindicalistas são uma organização de preparação revolucionária, que segue a par e passo a organização operária, nunca intervindo na vida interna da mesma, como organismos, mas sim jovens operários, sindicados nos seus respectivos sindicatos.

Notou também que o Comité Federal da F. J. S. e o Comité Nacional da U. A. P., não devendo, logicamente, ter intervenção directa nesses incidentes, porque lhes não competia, têm andado pela província fazendo uma campanha de mentiras que muito prejudica a organização operária e colocando numa péssima posição as Juventudes Sindicalistas perante a mesma organização.

O secretariado central do N. J. S. de Lisboa, interpretando o sentir da assembleia geral deste Núcleo, nega a autoridade moral ao comité nacional da U. A. P., pois que dele fazem parte indivíduos que conseguiram estar em desacordo com quasi todos os anarquistas de Lisboa; já porque alguns desses indivíduos tomaram parte directa ou indirectamente nesses incidentes, concorrendo assim para o desprestígio da organização operária, já porque elementos do mesmo comité, quando membros das Juventudes Sindicalistas, contribuíram o máximo para a sua desorganização, em favor da União Anarquista Portuguesa.

Estes factos foram constatados por todos os militantes que na C. G. T. tomaram parte no incidente, assim como daqueles que militam fora da C. G. T. Protesta energicamente contra a atitude tomada por alguns membros do comité federal da F. J. S. pela forma atribuída como procederam, pondo-se ao lado do comité nacional da U. A. P., sem primeiro ter consultado o conselho federal da F. J. S., provocando assim, uma ruim atmosfera contra as Juventudes Sindicalistas, por parte dos organismos de Lisboa que conhecem o assunto, assim como dos da província que têm sido informados indirectamente da verdade dos factos por camaradas, amigos da organização operária. Faz público este secretariado que desde o momento em que o comité federal da F. J. S. tomou tal atitude, deixou este de lhe merecer confiança.

O Secretariado Central, assim como a assembleia geral deste Núcleo repudiam a circular dimanada daqueles comités, fazendo pública esta declaração:

O Núcleo de Lisboa nada tem com a atitude tomada pelo comité federal da F. J. S., sendo essa da irresponsabilidade única daqueles camaradas que tomaram tal atitude dentro dele, ficando assim ilibada a sua responsabilidade, perante os incidentes passados dentro da C. G. T., lamentando que diversos indivíduos, falsos amigos da organização, andem fazendo uma campanha de difamação contra a organização operária, pela província; pondo de sobreaviso todos os Núcleos das Juventudes Sindicalistas, assim como toda a organização operária, da sua acção nefasta.

O Secretariado Central do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa.

### Secção Telegráfica Federações

#### MOBILIÁRIA

Sindicato do Porto.—Recebemos officio; os documentos já devem estar em vossa poder; amanhã segue officio.

### Quedas desastrosas

#### De uma «charrette»

No Banco do Hospital de São José, foi pensado e recolheu a casa, Feliciano Pereira, de 24 anos, natural de Lisboa, empregado no comércio, morador na travessa do Monte, 24, L., que caiu de uma «charrette» em Salvaterra de Magos, ficando com várias contusões pelas pernas.

#### De um carro eléctrico

No posto da Cruz Vermelha do Calvário recebeu curativo e seguiu para casa Júlio Queirós, de 34 anos, empregado no comércio, natural de Lisboa, residente nos Olivais que caiu ao apressar-se de um carro eléctrico, na Junqueira, ficando ferido no rosto.

#### De um jumento

A enfermagem de Santo António, do Hospital de São José, recolheu Jerónimo Vitor, de 14 anos, natural de Alpalhão, jornaleiro, residente no logar do Polvorão, (Alpalhão) e que ali caiu de um jumento, ficando contuso na coluna vertebral.

#### De uma arvore

No Banco do Hospital de São José, foi pensado e recolheu a casa, António Dimas, de 10 anos, natural de Coja, residente na rua dos Anjos, 145, 3.ª, que, na rua Palmira caiu de uma arvore, ficando ferido na perna esquerda.

#### De um segundo andar

Deu entrada na Sala de Observações do Hospital de São José, Francisco Paulo, de 12 anos, servente de pedreiro, natural e residente em Évora de Alcobaca, que quando trabalhava num prédio em Alcobaca, caiu da altura de um 2.º andar, fracturando o crânio.

#### De uma janela

Na Sala de Observações do Hospital de São José, faleceu ontem de manhã Maria Luisa Pires, de 3 anos, filha de Artur Maria Paiva e de Amélia Silva Pires, morador na rua Garrido, 36, 1.ª, que, como noticiámos, caiu, anteontem, da janela da residência à rua.

## A salvação de «A Batalha» ainda está dependente do auxílio do operariado

Há cerca de três semanas e quando os nossos recursos estavam completamente esgotados nestas colunas um apelo ao operariado para que salvasse A Batalha de uma situação bastante delicada. Esse apelo, justo e dize-lo, desde o primeiro momento foi correspondido pelo operariado e por grandes amigos deste jornal com valiosas importâncias que tornaram calma uma situação febricitante.

Mas triste é confessá-lo: o auxílio dispensado por esse punhado de homens livres, embora seja muito lisonjeiro, não trouxe, contudo, para A Batalha uma maré de rosas.

A Batalha ainda se encontra numa situação bastante crítica. As multas recebidas apenas permitiram solver alguns dos mais urgentes compromissos. Mas outros compromissos têm que solver-se e A Batalha para o fazer não possui recursos.

O operariado, que leva o seu esforço até ao ponto de conservar de pé o seu órgão na imprensa há mais de sete anos, tem que elevar esse esforço ao máximo: fazer com que o seu jornal viva decentemente sem o pesadelo que é o facto de se querer pagar uma dívida e não ter com quê.

Quere o operariado que essa situação termine? Não faça demorar o seu óbolo em favor da Batalha para que esta viva e possa prosseguir na sua grande obra. E creia que se o fizer não terá que se lamentar mais tarde de não possuir um jornal como a sua condição social impõe.

|  |           |  |           |
|--|-----------|--|-----------|
| Transporte . . . . .   | 4.273\$41 | António Henrique . . . . .                                 | 1\$00     |
| Anibal da Silva . . . . .  | 5\$00     | N. N. 2.º . . . . .  | 1\$50     |
| Augusto Carvalho . . . . .   | 2\$50     | N. N. 3.º . . . . .  | 2\$50     |
| Augusto Martins . . . . .  | 2\$50     | Alberto Dias Júnior . . . . .                              | \$50      |
| Joaquim Costa . . . . .  | 10\$00    | Castelino da Silva . . . . .                               | \$50      |
| José da Silva . . . . .  | 2\$50     | Tomás Freitas . . . . .                                    | 1\$00     |
| Estevão Azenha . . . . .   | 2\$50     | António Pereira Júnior . . . . .                           | 2\$50     |
| Quete aberta na Serração de Ma-deira da R. Damasceno Monteiro . . . . .      | 17\$50    | Jaime Freitas . . . . .                                    | 1\$00     |
| Acúrcio Pedro . . . . .  | 2\$50     | João Guerreiro . . . . .                                   | 1\$00     |
| Joaquim Moreira . . . . .  | 2\$50     | António Pereira . . . . .                                  | 2\$50     |
| Uma família . . . . .  | 7\$50     | Rui dos Santos . . . . .                                   | 1\$00     |
| F. N. Scheidecker . . . . .  | 10\$00    | Joaquim d'Almeida . . . . .                                | 2\$50     |
| Mário Pinto . . . . .  | 5\$00     | João Vicente . . . . .                                     | 4\$00     |
| N. N. . . . .  | 5\$00     | Alfredo Gomes . . . . .                                    | 1\$50     |
| Carlos Bento . . . . .   | 2\$50     | Júlio Martins . . . . .                                    | 1\$00     |
| Alberto Fonseca . . . . .  | 5\$00     | Mário Gomes . . . . .                                      | 1\$00     |
| Tinoco . . . . .   | 10\$00    | José Augusto . . . . .                                     | 1\$00     |
| Joaquim Gonçalves . . . . .  | 10\$00    | Peixoto . . . . .  | 1\$00     |
| Manuel Reis . . . . .  | 28\$10    | António Pais . . . . .                                     | 1\$00     |
| Fenido Almeida . . . . .   | \$50      | Manuel Rafael . . . . .                                    | 1\$00     |
| Quete em Fanhões: . . . . .  | 5\$00     | Manuel da Silva . . . . .                                  | 1\$50     |
| Daniel Lourenço . . . . .  | 2\$00     | Tomás Vieira . . . . .                                     | 1\$00     |
| António G. Valadares Júnior . . . . .  | 1\$00     | Alvaro Farinha . . . . .                                   | 1\$50     |
| José Martins . . . . .   | 1\$00     | Farinha (aprendiz) . . . . .                               | \$50      |
| Carlos da Silva . . . . .  | 1\$50     | João de Almeida . . . . .                                  | 1\$00     |
| João D. Duarte . . . . .   | 1\$50     | Manuel Coelho . . . . .                                    | 1\$00     |
| Bruno Dinis . . . . .  | 1\$00     | Tomás Póças . . . . .                                      | 1\$00     |
| Francisco Dinis . . . . .  | 1\$00     | Apregio . . . . .  | 1\$00     |
| Luciano Roque . . . . .  | 1\$00     | Manuel Andrade . . . . .                                   | 4\$00     |
| Francisco Marques Mendes . . . . .   | 1\$00     | Jaime . . . . .  | 1\$00     |
| Artur Pinheiro . . . . .   | 1\$00     | António Costa . . . . .                                    | \$50      |
| Francisco Real . . . . .   | 1\$00     | João Jorge . . . . .                                       | 1\$50     |
| Faustino Machado . . . . .   | 1\$00     | Bernardino da Silva . . . . .                              | 1\$00     |
| Manuel Vinagreiro . . . . .  | 1\$00     | Carlos Viegas . . . . .                                    | 1\$50     |
| Manuel Machado . . . . .   | 1\$00     | José Maria . . . . .                                       | \$50      |
| Germano Dinis . . . . .  | 1\$00     | Júlio Vicente . . . . .                                    | 1\$00     |
| Bruno Machado Carapinha . . . . .  | 1\$00     | Pedro Raimundo . . . . .                                   | 1\$00     |
| Silvestre Moreira . . . . .  | 1\$00     | Duarte . . . . .   | 1\$00     |
| António G. Buraca . . . . .  | 2\$00     | Jaime Machado . . . . .                                    | 1\$50     |
| Quete nas oficinas da Companhia Portuguesa de Pesca (Olho de Boi): . . . . . | 5\$00     | Manuel Baptista . . . . .                                  | \$50      |
| Quirino Moreira . . . . .  | 2\$50     | Abrentes . . . . .   | 1\$00     |
| Raúl Ribeiro . . . . .   | 2\$50     | José Filipe . . . . .                                      | 1\$50     |
| Zacarias Pinho . . . . .   | 5\$00     | José da Costa . . . . .                                    | \$50      |
| Raúl Rocha de Oliveira . . . . .   | 2\$50     | José Canica . . . . .                                      | 1\$00     |
| Mário Bento . . . . .  | 2\$50     | José Rodrigues . . . . .                                   | 1\$00     |
| Manuel Freitas . . . . .   | 1\$50     | José Francisco . . . . .                                   | \$50      |
| Parica . . . . .   | \$50      | João Ferreira . . . . .                                    | \$50      |
| Fróis . . . . .  | 1\$00     | Teodoro Gonçalves . . . . .                                | \$50      |
| N. N. . . . .  | 1\$50     | Manuel Ferreira . . . . .                                  | 1\$50     |
| Leote do Rêgo . . . . .  | 1\$00     | Eugenio Rodrigues . . . . .                                | 2\$50     |
| Ludovino Gomes . . . . .   | 2\$50     | Vintem . . . . .   | \$50      |
| José Lucas . . . . .   | 1\$50     | Jorge Carpinheiro . . . . .                                | 1\$00     |
| António Alberto . . . . .  | 2\$00     | José Treja . . . . .                                       | 1\$00     |
| António Rodrigues Rebelo . . . . .   | 2\$50     | Oscar . . . . .  | 1\$50     |
| Amadeu Costa . . . . .   | 1\$00     | Alvaro Domingos . . . . .                                  | 1\$50     |
| António Moura . . . . .  | 1\$00     | Francisco Augusto . . . . .                                | 1\$00     |
| João Gonçalves . . . . .   | 1\$00     | Contribuição do corpo redac-torial de A Batalha: . . . . . | 32\$00    |
| Jorge Alves . . . . .  | 1\$00     | Mário Domingues . . . . .                                  | 2\$50     |
| Alfredo Marques . . . . .  | 1\$00     | Cristiano Lima . . . . .                                   | 2\$50     |
| Vitorino Agostinho . . . . .   | 1\$00     | Alfredo Marques . . . . .                                  | 2\$50     |
| Francisco António . . . . .  | 1\$00     | David de Carvalho . . . . .                                | 2\$50     |
| Júlio César . . . . .  | 1\$00     | José Horto Júnior . . . . .                                | 2\$50     |
| Júlio Pinheiro da Silva . . . . .  | 2\$50     | A transportar . . . . .                                    | 4.672\$01 |
| António Cândido . . . . .  | 1\$00     |  |           |
| José Gomes . . . . .   | 1\$00     |  |           |
| Alvaro Alves . . . . .   | 1\$01     |  |           |

### TEATROS

Continuamos hoje na nossa informação ao público. A peça do Nacional, «Se eu quisesse...» é agora a única comédia que se representa em Lisboa e, porque é das mais belas que temos visto, o seu ruído de sucesso já não é ignorado de ninguém, assim como o triunfo de lida Stichini e o êxito de Alexandre de Azevedo, Raül de Carvalho, Albertina de Oliveira, Luís Pinto e Bramão. As encenaturas sucedem-se e de toda a parte chegam os pedidos de empresários para que lida Stichini e Alexandre de Azevedo levem no repertório a linda peça, na «tournée» que vão realizar no mês de outubro.

— Por notícias da Figueira da Foz, sabemos que as artistas francesas «Sœurs Du-maine», inegavelmente bailarinas modernas, que se encontram actuando no Grande Casino Peninsular daquela encantadora praia, têm apresentado bailes de salão e de fantasia, de efeito surpreendente, que lhes têm grangeado fartos e merecidos aplausos.

— Poucas artistas estrangeiras têm conseguido criar tão rapidamente um público como Clarita Carbonell, a bailarina espanhola que, após uma «tournée» pela América do Sul, está trabalhando em «matinées» e «soirées», no Teatro Salão Foz. Esta noite, o programa dos espectáculos é extraordinariamente valorizado com a estreia da completista espanhola Júlia de Isla, que tem um grande nome nas variedades do país vizinho.

### As visitas aos presos das Cadeias Civis

De hoje em diante, as visitas aos presos, de suas famílias, serão às segundas, quartas e sextas. E' permitida a entrada de todas as pessoas que queiram visitar os reclusos, às terças, quintas e sábados, mediante a quantia de 1\$00, 2\$50 e 1\$00 respectivamente. Têm todavia visita geral aos domingos, gratuitamente.

### A' venda na administração de «A Batalha»

Cartilha do homem do povo . . . . . \$50  
Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lofogme . . . . . \$50  
O que é socialismo, por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha . . . . . \$50

### LITERATURA REVOLUCIONARIA EM CASTELHANO

Maximo Gorki . . . . . 6\$00  
Como se forja um Mundo Nuevo . . . . . 6\$00  
Cuentos de Italia . . . . . 6\$00  
La vida de um Homem Inescessario . . . . . 6\$00  
Wladimir Korolenko . . . . . 6\$00  
El Imperio de La Muerte . . . . . 6\$00  
Dr. G. Feydoux . . . . . 6\$00  
La vida tragica de los Trabajadores . . . . . 10\$00  
Jean Masestan . . . . . 10\$00  
La Educación Sexual . . . . . 10\$00  
El matrimonio, el amor libre y la libre maternidade . . . . . 9\$00  
E. Reclus . . . . . 6\$00  
La Montaña . . . . . 6\$00  
El Arroyo . . . . . 6\$00  
Octavio Mirbeau . . . . . 6\$00  
El Calvario . . . . . 6\$00  
P. Krapothine . . . . . 6\$00  
La etica, la revolucion e el Estado . . . . . 6\$00  
Luís Fabbri . . . . . 6\$00  
Critica revolucionaria . . . . . 6\$00  
H. Malatesta . . . . . 6\$00  
Ideário . . . . . 6\$00  
F. Dostoyevsky . . . . . 9\$00  
Los Hermanos Karamazov . . . . . 9\$00

### LA NOVELA SOCIAL

Interessante coleção de 10 novelas colaboradas por um bom número de escritores revolucionários—Preço . . . . . 10\$00

### Pedidos à administração de A BATALHA

### O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. L. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha, A revolução Social e o Sindicalismo) Por Arkimof. Preço 1\$50.

### LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA  
E' o titulo do n.º 10 da interessante coleção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o titulo genérico de Novela Social, encontrando-se a venda na nossa administração ao preço de \$60. Pelo correio \$70.

## «A Batalha» na provincia e arredores

### Monchique

#### Os assambradores em acção!

MONCHIQUE, 1. — O operariado de Monchique tem por seus «amigos» um bando de gatunos que valha a verdade, são bem os amigos que merece—devido à inércia e ainda ao apoio que, por vezes, lhes dá.

Agora é o azeite que já se vende a nove escudos o litro, importado, porque o da região acabou-se dum dia para o outro — um bando de corujas altas horas da noite sorveu-o... deixando uma pequena quantidade destinada a untar os «caracas», para que lhe apareça cabelo e para os ventrudos a fim de esfregarem a barriga e porem-se ao sol a fazer digestão, esmoendo o produto dos roubos felistos a sombra da lei.

Que faz o nosso administrador? Simplesmente isto: deixa correr o marfim e «quem tiver unhas que toque viola», que a sua pessoa não está para se comprometer — e naturalmente também lhe deve dar alguma conveniência, visto ser detentor desse precioso liquido. Este ano vendeu algumas dezenas de alqueires de milho furado, para porcos, a doze escudos o alqueire por o não quere vender, quando bom, a menos de vinte escudos.

A farinha também já subiu de preço e o pão, o tal pão que esteve para se tabelado, come-se a três escudos e cinquenta centavos, tudo isto com o conhecimento do nosso ditador.

Quando acabará este estado de coisas?

#### A ira do novo administrador...

Numa reunião que o administrador deste maldado concelho promoveu, composta dos industriais da Construção Civil e que se efectuou na administração do concelho, queixou-se o administrador de que tinha sido atacado na «Batalha» e que o que lá se dizia eram mentiras e verdades à mistura. Numa cultivámos a mentira e, portanto, desafiámos a que nos aponte onde estão as nossas mentiras se bem que tenhamos quasi a certeza do que o administrador chama mentiras: foi o dizermos que estava na administração por vaidade, o que, sendo uma verdade, vimos novamente afirmar.

Porque razão foi promovido um abaixo-assinado em telegrama pedindo ao ministro do Interior para que o governador civil do Algarve continuasse a frente do distrito? Simplesmente por isto: Se o governador sáise, como mandam as normas políticas, o administrador tinha que pedir a demissão, e era é isso que ele não quer porque o povo de Monchique tem de o «gramar», termo empregado na tal reunião de industriais onde afirmou o seguinte:

«Têm que gramar-me, quer queiram quer não queiram; a frente da administração não pode estar qualquer vagabundo.» Em face do que proferiu em frente dos seus semi-colegas, pois também manda aparelhar madeira em grandes porções para vender, justifica-se a grande zanga que lhe deu quando lhe contaram que o professor José Buizel, num comício realizado em março, disse:

«Das cavalarias de Coimbra saem todos os anos, excepção à regra, uma série de animais de orelhas grandes e pendidas que põem o nosso país a saque.»

O que desmancha a sua linha de conduta é as inúmeras incoerências em que se destaca, como esta que passamos a referir: estando uns pobres camponeses a fumar na casa de espera da administração passoulhes uma descompostura e ameaçou-os com a cadeia; esquecendo-se que antes de ser administrador fumava na administração e no registo civil, repartições onde ia a medido.

Levantou um auto a um carteiro, porque em serviço não tirou o boné na administração tão rapidamente como a sua vaidade o exigia, esquecendo-se que ia a todas as repartições, inclusive a dos correios e telégrafos, onde está uma senhora, e não tirava o chapéu—apesar de ter frequentado Coimbra.

### Evora

#### Um espectáculo bárbaro

EVORA, 29.—Realizou-se hoje nesta cidade mais uma tourada, que veio confirmar o que já temos dito sobre a sua iraquíssima concorrência.







# A BATALHA

O descanso dominical é uma velha aspiração dos trabalhadores da imprensa que deve ter imediata efectivação



O LIVRO DOS LIVROS...

## Continua-se a autópsia da "Bíblia Sagrada"

Vejamos agora as origens de mitos bíblicos, formados sobre pretensas individualidades históricas, ou mesmo sobre personagens reais.

Conhecemos a história de Abraão? Pois bem: Saturno cognominado pelos fenícios Israel, exactamente como depois da sua luta com Deus foi cognominado Jacob, teve um filho chamado Ismael. Por ocasião duma guerra arriscada, Saturno conduziu seu filho a um altar e sacrificou-o. Abraão, chamado Zeban, «rei do ouro», é perfeitamente confundível com Saturno, que foi rei na idade de ouro. Ambos são representados como velhos, e Abraão vai também disposto a sacrificar o filho. O sacrifício não chega a realizar-se, porque o próprio Deus, satisfeito, o impede; mas é que, como ao tempo estava já abolido entre os judeus o uso dos sacrifícios humanos a passagem levitaria reparos.

Vejamos mais: o nome primitivo de Sarah, mulher de Abraão, é Ishkiah, que significa a Beleza. Pois também Saturno espósa a Beleza, que seu pai enviava para o seduzir. O nome primitivo de Abraão era Abram «o Altíssimo», nome aplicável a Saturno que era o mais afastado dos planetas conhecidos dos antigos.

A história dos patriarcas é, de resto, muito duvidosa. O próprio Lenormant, apesar de católico, o confessa com toda a isenção.

Sabe-se que nas línguas arábicas, das quais o hebreu é um dialecto, os habitantes dos países, os partidários de um chefe, os sectários duma opinião, são chamados filhos de cada uma dessas coisas. Assim os presumidos patriarcas são os nomes de tribus, ou nomes de regiões em sua maior parte. Porque também os há meras apropriações dos mitos estrangeiros. Tal, por exemplo, Samsão, que é o mesmo que o Hercules dos fenícios e dos gregos.

Hercules, dizem todos os mitólogos, é o emblema do sol: o nome de Samsão significa sol. Hercules era representado nu, levando aos ombros as colunas ou as portas de Cadiz; Samsão levava os ombros as portas de Gaza. Hercules é feito prisioneiro pelos egípcios, e quando estes se preparam a vitimá-lo, despende-se e mata-os a todos; Samsão, amarrado com cordas novas por homens de Judá, é entregue aos filisteus, mas libertando-se, mata mil destes, quando estes pretendem matá-lo.

Os habitantes de Carélos? antiga cidade do Lacio, que viviam numa festa anual, grande número de lochas amarradas à cauda de raposas. E' claro que este uso religioso não pode ter sido imitado duma aventura, qual a de Samsão contra os filisteus... É uma alusão à subida da Raposa celeste que traz consigo os fogos da canícula. E assim se fez a historieta bíblica.

Nas cerimónias de Mitra, os atributos ou propriedades dos planetas eram representados numa escada, ao longo da qual havia sete portas, havendo ainda outra na extremidade superior. Não seria à imitação desta que o cronista bíblico fantasiou a escada da visão de Jacob? Não poderemos ver ainda este no arco iris, pelo qual, segundo os insulares do mar do Sul, sobem e descem os heróis, como os anjos da visão? O arco iris, que era para os escandinavos «a ponte aérea que liga o céu com a terra», exactamente como a escada de Jacob que se erguia da terra até ao céu?

Todos os patriarcas têm uma longa vida de centenas de anos; imitação atenuada daqueles reis da Assíria que reinam 43.200 anos cada um, o número dos anos do período da precessão equinocial, tal qual ela estava então calculada.

Os patriarcas Seth, Enok e Nuh (Noé) são deuses jassirico-babilónicos escoteados para a mitologia hebraica.

Jonas é devorado por um monstro marinho que o conserva três dias no ventre, exactamente como Hercules, devorado por um monstro e conservado lá dentro durante três dias. E os cristãos tomam o caso de Jonas como uma figura de ressurreição do Jesus!

Entre os descendentes de Sem citam-se os nomes de Raghó, Sorug, Nabor e Haeran, que são todos nomes de cidades estabelecidas como estações de marcha das migrações, desde as fontes do Tigre até à passagem do Eufrates.

Na mitologia slavo-germânica, a alma pode seguir para o céu pelo arco iris, que assim se torna a verdadeira arca da aliança, de que fala a Bíblia, ligando a terra ao céu e servindo de passagem dos mortos para Deus...

111

Na história bíblica anterior ao Cristianismo, ninguém aparece com a importância conferida a Moisés. Ele é o libertador, o legislador, o revelador religioso e o cronista do seu povo.

Vejamos as múltiplas origens da sua lenda, separando os elementos de que ela se compõe.

Segundo o computo ortodoxo, Moisés terá vivido 1.400 anos antes de Jesus Cristo; Sargon I (da Assíria), 2.000 anos também antes da nossa era. Se na história dos dois há factos semelhantes não foram evidentemente os segundos que copiaram dos primeiros...

Ora Sargon I, quando nasce é metido num cesto de junco betumado, e exposto às margens do Eufrates, sendo depois criado por um pastor. Moisés é metido num cesto de vime betumado, e posto na corrente do Nilo, sendo criado por um farrão da dinastia dos pastores.

Também Osiris e Perseu, recém-nascidos, são lançados ao rio.

Moisés, educado pelos sacerdotes egípcios, não podia deixar de aproveitar para o povo que se propõe educar muitos dos usos egípcios, tais como a união sagrada dada a Aarão, e depois imitada na sagração dos reis.

A serpente de Moisés no deserto é a Cobra-mãe do inverno dos árianos, dada também como omnipotente contra certas moléstias, como a serpente de bronze era remédio contra as mordeduras das serpentes autênticas. Era também um velho símbolo oriental da Divindade: a serpente fechando um círculo, representa a aboboda celeste, e toda marchetada de salpicos dourados, representando as estrelas.

Moisés, no deserto, solicitado pelo povo sedento, fere um rochedo com a sua vara mágica, e do rochedo brota água em abundância. Também na mitologia greco-oriental Dionísio fez rebentar das pedras correntes de água e vinho. Também Neptuno fere uma rocha com o tridente, e da rocha brota logo água.

Gaba-se muito o Decalogo. É original de Moisés? Lê-se no Ritual dos Mortos do Egipto, cujos sacerdotes conforme já dissemos, foram os mestres de Moisés: «Eu não blasfemei. Eu não tenho falado mal do rei, nem de meu pai. Eu não forcei falsas acusações. Eu não matei a tração...» O morto procura apresentar-se puro diante do divino juiz e enumera os crimes que não praticou—os mesmos crimes proibidos no Decalogo!

Antes de eleito para director do seu povo, Moisés tem a suprema revelação do monoteísmo por meio duma sarça que ardia sem se consumir, e do meio da qual se escuta uma voz que diz: *Eu sou aquele que é*—a mais elevada de todas as concepções metafísicas de Deus. Mas também a alameda de Feronia arde sem se consumir!

Mais coisas copiadas do Egipto: No culto da Aten, sob Amenhotep IV, existiu a mesa dos pães da propiciação referida no *Exodo*, com adopção no culto hebraico. *Aten ou Aden*, e por sua vez, o mesmo que *Adonai*. A arca da aliança, uma cópia das barcas sagradas dos reis egípcios, onde se dedicam as suas oferendas.

A circuncisão adoptada pelos judeus, era usada no Egipto, por motivo de azeite, segundo Herodoto. Como depois o foi pelos judeus, o porco era pelos egípcios considerado animal imundo.

A organização da sociedade judaica, descrita tão minuciosamente no *Pentateuco*, é copiada da constituição egípcia: obra apenas de erudição que nunca adquiriu realidade prática entre os judeus. Foi o que nos hoje diríamos uma organização para o papel.

Segundo Smith (*O Livro de Moisés*), o cerimonial exterior dos levitas é todo sacerdotado egípcio; a arca de Jehovah é o altar de Amun; o Tabernáculo terá sido recalcado sobre os templos egípcios; a túnica do grande sacerdote, a sua unção, as franjas do seu vestuário é tudo da origem egípcia.

Tendo adoptado dos egípcios a divisão do ano em três estações, também os judeus perfolharam as suas festas principais, subsistindo ainda hoje no Cristianismo. Sha, a estação inicial, ou da inundação do Nilo, com a festa das barracas; Pre, a das sementeiras, com a festa do Pentecostes; e Schem, a das colheitas com a festa dos pães asmos (no cristianismo, a bênção das colheitas pelo padre quer no Catolicismo quer no Protestantismo).

Passagens morais: Diz o livro de moral de Ptah Hotep: «O filho que atende à palavra de seu pai, chegará a ser velho por causa disso». Diz o *Exodo*: «Honra teu pai e tua mãe para que os teus dias se prolonguem sobre a terra.» O livro de Ptah Hotep: A obediência dum filho é a alegria de seu pai. No *Proverbios*: «O filho prudente dá alegria a seu pai».

Solon diz a Cresos: «Não chamei feliz a homem algum antes da sua morte.» E lê-se no *Eclesiastes*: «Antes da morte, não exaltes homem algum».

Todos devem ter lido algumas das páginas líricas da Bíblia, o *Cântico dos cânticos* ou os *Salmos*. Pois vejamos esse pequeno trecho dos *Vedas*, e digam se não parece um extracto dos livros sagrados do cristianismo: «Tu és grande, oh! Indra! Terra e céu obedecem ao teu imperio! Quando nasce, o céu treme, treme a terra de terror pela cólera de teu filho. Dançam as fortes montanhas: suam os desertos, correm as águas...»

Etc., etc., etc.

Evidentemente, muito mais haveria que dizer. Mas o que fica basta a provar que na Bíblia nada há de original, o que será a última prova que nos faltava para lhe contestarmos a autoridade de revelação divina que os ortodoxos lhe conferem.

Fica assim completado este trabalho de autópsia da «Bíblia Sagrada».

Heliodoro SALGADO

## SOLIDARIEDADE

Comité pró-presos por questões sociais  
Reúne-se hoje pelas 21 horas para tratar de vários assuntos de grande importância.

DA FEDERAÇÃO VINICOLA  
aos organismos aderentes

Recebemos a seguinte nota oficiosa: «Tendo este organismo recebido uma circular da U. A. P. e F. J. S., e sabendo que igual documento foi enviado para os organismos aderentes, vem esta Federação desdê já preveni-los de que, na sua reunião de ontem, resolveu não tomar em consideração a referida circular, visto a sua matéria ser antagónica com as necessidades da organização operária, neste momento em que bastante carece de grande homogeneidade para se robustecer.—A Federação Vinícola».

A VENDA A 10.ª SÉRIE  
DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas \$800.

A obra mais barata que no género se publica

Universidade de Lisboa

Os alunos da Universidade de Lisboa que pretendam fazer os seus exames na próxima época de Outubro devem entregar os seus requerimentos, na Secretaria Geral, até ao dia 15 do corrente.

## Informações Sociais

(Da Repartição Internacional do Trabalho)

### Refugiados russos na Argentina

Noticiaram as *Informações Sociais* que em consequência dos esforços dos delegados do serviço de refugiados em Buenos Aires, o governo argentino declarou receber os refugiados russos e arménios, como imigrantes nas seguintes condições:

Os refugiados que desejem ali imigrar devem apresentar aos consules da República Argentina em Berlim, Varsóvia, Praga, Belgrado, Sofia, Constantinopla e Xanxai um passaporte Nansen e um certificado especial no qual se declare que o portador é capaz de efectuar o trabalho para que é contratado, que oferece garantias de boa conduta, e não padece enfermidade física das enumeradas nos regulamentos de imigração daquela república. Estes certificados são entregues pelos delegados dos serviços de refugiados que têm habilitações técnicas ou profissionais que sejam contratados como operários qualificados.

Os consules podem recusar o visto aos refugiados que considerem indesejáveis de acordo com os regulamentos vigentes na República Argentina ainda que tenham os demais requisitos mencionados.

### Pescadores de pérolas e corais

Na última conferência internacional do trabalho, o sr. Lamprinos, conselheiro técnico obreiro da Grécia, propôs que «dadas as condições em que a pesca das pérolas, corais, esponjas e todos os produtos submarinos, se realiza, por falta de «controle» administrativo da mesma, pode dar lugar a certos abusos; considerando que o carácter excepcionalmente insalubre e perigoso, este trabalho causa numerosas vítimas entre os seus obreiros», a Repartição Internacional do Trabalho, da Sociedade das Nações, ficou incumbida de reunir todos os elementos acerca das condições em que é efectuado esse trabalho, e estudar as medidas necessárias para proteger os trabalhadores.

## Rendimentos dos operários

### Confeiteiro queimado com calda de açúcar

No Banco do hospital de S. José foi pensado e recolheu a casa José Nogueira, de 59 anos, natural de Santarém, confeiteiro, rua Pascoal de Melo, 124, rés-do-chão, que na fábrica de Pimental Limitada, na rua Gomes Freire, 1 e 16, foi atingido por uma porção de calda de açúcar, ficando com várias queimaduras no rosto e braço direito.

### Trabalhador colhido por uma vagoneta

Foi receber curativo ao Banco do hospital de São José o trabalhador José Gomes, de 22 anos, residente em Sacavém, que na fábrica de louça daquela localidade foi colhido por uma vagoneta, ficando ferido no pé direito.

### Ferrolário apanhado por um ferro

No Banco do hospital de São José recebeu curativo José Serra, de 16 anos, ajudante de montador, residente em Moscavide (Olivais), que no depósito de máquinas da C. P., em Campolide, foi colhido por um ferro que o feriu na cabeça.

## Crise de trabalho

Hoje comparecerão, pelas 14,30 junto da porta do ministério das Finanças todos os membros da comissão delegada da Federação da Construção Civil a fim de se avistarem com o ministro das Finanças que antecipa-lhes a audiência.

## Do Sindicato dos Taneiros de Lisboa à restante organização operária

O Sindicato dos Taneiros de Lisboa enviou-nos a seguinte nota oficiosa:

Tendo este organismo apreciado a circular dimanada da F. J. S. e U. A. P., vem publicamente declarar que sendo neutro em matéria política ou filosófica, não toma em consideração o texto da referida circular, dado o scepticismo de que vem possuída e, ainda, porque este organismo está seguro da boa acção da comissão de Federações que tão ponderadamente soube intervir na contenda que se vinha arrastando no seio da C. G. T., e por esse motivo lhe declara a sua leal e sincera solidariedade.

Esta Federação lamenta profundamente a atitude assumida pelos dois organismos que tiveram a iniciativa de enviar a circular, cujo sectarismo os levou, neste momento bastante delicado para a Organização Operária Portuguesa, a fazer uma torpe especulação com o «espantinho» do «perigo comunista».

Fazendo votos para que os altos interesses de toda a organização operária não sejam feridos com a atitude tomada pelos militantes da U. A. P. e F. J. S. tornamos deste modo públicas as intenções deste organismo.—A Direcção.

### Conferência das Federações Vinícola, Corticeira e de Conservas

Reuniu ontem a comissão de iniciativa da conferência destes organismos para o estudo da crise de trabalho que atravessam os organismos cujo labor depende exclusivamente da exportação, tendo-se ocupado das circulares a enviar aos organismos interessados.

Esta comissão faz sciente aos organismos que a conferência se efectua imprimeiramente na segunda-feira próxima, pelas 19 horas, em vez de sexta-feira, como foi dito numa entrevista concedida à *Batalha* por um dos seus membros.

Por este motivo roga aos organismos interessados que não faizem dada a transcendente importância da conferência. Igualmente é convidada a assistir a comissão organizadora da futura Federação do Ramo de Alimentação, cuja comparação é indispensável.

## LUTA DE CLASSES

## O conflito do «Correio da Manhã»

### Nota oficiosa da Associação dos Compositores Tipográficos

Mal supunha a direcção deste sindicato que ao tentar junto da empresa do *Correio da Manhã* a solução do conflito suscitado entre o seu quadro tipográfico e o novo chefe proposto por aquela empresa havia intuitos reservados da parte desta, como hoje se verifica pela nota oficiosa publicada pela mesma em vários jornais.

Ainda quando esta direcção entrevistou o sr. dr. Fernando Pizarro, sua ex.ª declarou que não tinha nenhuma animadversão para com o quadro nem tão pouco consentiria que o novo chefe fosse exercer repressalias ou cercar realiaes.

Só pelo prazer de irritar as questões ou fazer acreditar ao público que os culpados da suspensão de qualquer jornal são os operários e não as empresas é que se costumam publicar notas oficiosas. Porém, desta vez, a própria empresa do *Correio da Manhã* é que veio demonstrar que foi ela e mais ninguém que forçou o seu quadro tipográfico a abandonar a laboração com o fim de conseguir pôr em prática um regime de trabalho já há muitos anos condenado, por ser desumano e imoral — a empreitada.

A empresa, naturalmente influenciada por uma criatura que odeia a classe gráfica, serviu-se do sr. Alfredo Ferreira Marques, ex-dividido mal visto pelos seus antigos colegas, por causa do seu desmedido e intolerável autoritarismo, para praticar um acto que pouco abona a honestidade e coerência de pessoas que se jactam de bondosas, honestas, etc., etc.

A empresa sabia de ante-mão que chamando o tal Marques a abrir-se um conflito, porque ele não ignorava as razões que provocaram o seu despedimento primeiro, e mais tarde a não aceitação pelo quadro. Além disso, esta direcção ponderou ao sr. dr. Pizarro que não era justo nem humano que se admitisse um indivíduo que recebe proventos como funcionário publico tanto mais neste momento em que a classe atravessa uma grande crise.

De resto, s. ex.ª podia não admitir a pretensão do quadro se este lhe houvesse indicado qualquer nome para substituir o chefe, mas o quadro só lhe notificou que poderia pôr lá quem muito bem entendesse, como era seu direito, mas que lhe pedia que não fosse indicado o sr. Marques pelos motivos que nessa altura expôs.

Esta direcção, cónscia de que a razão assiste aos seus associados que no *Correio da Manhã* trabalhavam, apela para a consciência da classe, exortando-a a que cumpra o seu dever, prestando toda a solidariedade a aqueles colegas não aceitando trabalho naquele diário, quer com regime de jornal e muito menos de empreitada.

A empresa diremos apenas que, se persiste em não querer solucionar o assunto, encontrará a classe gráfica absolutamente unida na defesa dos seus direitos já conquistados e que se consubstanciam especialmente no regime de trabalho a jornal.—A direcção da Associação dos Compositores Tipográficos.

### Um conflito na tipografia América

Na Tipografia América, sita na rua da Escola Politécnica, eclodiu ontem um conflito entre o respectivo pessoal e o proprietário por este o pretender colocar sob a pressão da autoridade policial.

Por qualquer motivo que não é necessário relatar, o encarregado foi despedido e por entendimento entre este e o pessoal, ficou assente que não se declararia a greve por solidariedade. De tal facto foi dado conhecimento ao patrão.

Pois a pesar-disso, este fez quaisquer recomendações à polícia e tanto assim que ontem, tendo um operário sido suspenso de manhã e mandado ir trabalhar de tarde, mas ficando um momento à porta da oficina, o polícia se lhe dirigiu abruptamente mandando-o retirar e ameaçando-o, a pesar-de-ê-lo lhe explicar brandamente a sua situação.

Foi então que muito justificadamente se manifestou a solidariedade do pessoal que, dirigindo-se ao patrão, lhe reclamou que evitasse a intervenção da autoridade visto que, para mais, não havia conflito algum.

Não o entendeu assim o industrial gráfico e o pessoal abandonou o trabalho como protesto, por 24 horas, tendo depois dirigido uma reclamação por escrito onde declaram que a greve proseguirá se providências não forem tomadas.

Veremos o que fará o aludido industrial; entretanto, a Associação dos Compositores já tomou conta do caso.

Aos gráficos impende o dever de não irem trabalhar para aquela casa se o conflito proseguir.

O Sindicato dos Compositores Tipográficos pede a todos os camaradas que não vão trabalhar para esta casa a fim de não atraírem a justa causa dos que estão em luta.

## A greve dos operários do «ramo de la edificación» de Vigo

VIANA DO CASTELO, 1. — Devido a grande numero de operários portugueses terem, inconscientemente, convergido para Vigo trabalhar depois dos seus camaradas dali se encontrarem em greve, veio a esta cidade uma comissão de operários espanhóis que, acompanhados de um delegado do Sindicato Unico da Construção Civil e munidos dum manifesto editado pelo mesmo Sindicato, percorreram diversas localidades — Ponte de Lima, Arcos-de-Val-de-Vez, Vila Verde, Braga, etc.—elucidando os trabalhadores dessas terras para não irem traír o seu justo movimento de reivindicação.

A comissão de Vigo, satisfeita pela forma como foi recebida e como decorreu o seu trabalho, mais satisfeita ficou quando, ao retirar, assistiu ao desembarque de muitos dos portugueses que, estando a substituir os grevistas, vinham de regresso a suas terras.

A comissão administrativa do Sindicato da Construção Civil, ontem reunida, resolveu propor à assembleia geral próxima para que se não acesse a importância dispendida por este Sindicato com a despesa feita, de

## VIDA SINDICAL

C. G. T.

Reúne-se a comissão administrativa amanhã, pelas 21 horas, para assunto urgente.

## Câmara Sindical do Trabalho

Reuniu-se a Comissão instaladora que aprovou a acta e apreciou vários expedientes que baixou ao próximo conselho.

A Comissão instaladora, tendo apreciado que os sindicatos dos Litógrafos e Anexos, Trabalhadores de Imprensa, Carrageiros, Pessoal do Depósito de Fardamentos, União Têxtil, Confeiteiros e Pastelheiros, Marinheiros e Mocós da Marinha Mercante, Tecidos de Seda, Chapelheiros, Barbeiros, Fogueiros de Terra e Mar e Carpinteiros de longo curso não têm tido representação nos conselhos desta Câmara pela ausência dos seus delegados ou por falta de nomeação dos mesmos e verificando que a falta de representação de tantos sindicatos impossibilita esta Câmara de levar a bom termo a missão para a qual foi criada, tendo tal anomalia feito com que a C. S. T. tenha sido uma vaga hipótese de organização, quando é necessário que seja uma organização potente de facto e de direito, e tendo a Comissão instaladora, necessidade de fazer interessar todos os sindicatos numa série de trabalhos a apresentar à reunião do próximo Conselho, lembra aos citados sindicatos a alta conveniência, para o desenvolvimento da organização local, de nessa reunião e em todas que se lhe seguirem, terem no referido conselho a sua representação, esperando a Comissão instaladora que sobre este assunto nada mais tenha a dizer.

Apreciou em seguida as questões de crise de trabalho, horário de trabalho e inquilinato, discutindo largamente todos estes assuntos de imediato interesse proletariano, sendo estes trabalhos substanciados num documento que se publicará a fim de habilitar todos os delegados a podê-lo discutir com consciência, no Conselho Geral da Câmara que reúne na próxima terça-feira.

## COMUNICAÇÕES

Federação Mobiliária — Reuniu ontem o conselho federal.

Apreciou um officio do S. U. Mobiliário do Porto, que tratava do encerramento da sua sede, foi resolvido que esta Federação continue tratando do assunto e interessando nele a C. G. T.

Leu-se uma circular da U. A. P. e F. J.

Que os camaradas espanhóis pretendem reembolsá-lo.

Apreciou também um officio da Federação da Construção Civil, estranhando que nele se peça resposta a outros quando este sindicato não tem recebido nem tão pouco obtido resposta a diversos enviados quer para a Federação, quer para a Secção Federal do Norte.

## A greve dos corticeiros do Seixal

O Sindicato dos Corticeiros do Seixal previne, todos os operários da mesma indústria de que se encontra em greve o pessoal da fábrica Martins Coia. Esta industrial anda recrutando pessoal fora da localidade, tendo conseguido que alguns trabalhadores se prestem a traír um movimento que nenhum operário se preste a trabalhar naquela fábrica.

Igual apêlo à solidariedade da classe faz a Federação Corticeira.

## Enfermeiros de bordo

Os enfermeiros que andam embarcados nos navios mercantes estrangeiros, requereram ao ministro da Marinha para que seja anulado o decreto que manda que tenham preferência, no embarque, os enfermeiros diplomados.

## O ex-praticante Serra continua preso

Uma Comissão do Sindicato dos ferroviários da C. P. procurou ontem o ministro da Justiça, para interceder na indefinição da situação do desventurado ex-praticante da Sociedade Estoril João Gomes Serra, preso há dois anos na cadeia do Limoeiro, como culpado no choque de combóios havido em Belém, visto que não pôde conseguir a fiança de 50 mil escudos que lhe arbitram, haver um passageiro que se encontra ainda em tratamento e o processo estar dependente da informação do Instituto de Medicina Legal, que o não pode devolver sem dar por curado o mesmo doente. A Comissão foi recebida pelo chefe de Gabinete que escutou a exposição feita, dizendo que ia imediatamente pedir informações, sobre o assunto, à Procuradoria da República a fim de pôr o ministro ao corrente do extranho facto, visto que se pode considerar um caso inédito que na lei não está previsto.

## AGREMIÇÕES VARIAS

Associação do Registo Civil. — Em reunião da direcção foi resolvido officiar ao seu delegado em Torres Vedras lamentando o não ter formulado um protesto contra a realização naquela vila da procissão de S. Gonçalo.

Deliberou também enviar ao presidente Calles, do México, por intermédio da legação do seu país, uma mensagem saudando-o pela energia com que soube opor-se aos desmandos do clericalismo que pretendia apoderar-se da consciência popular e assambarcar todas as fontes da actividade humana.

G. D. Solidariedade Operária. — Em virtude de haver hoje ensaio geral, só se realiza a assembleia geral no dia 9 do corrente mês.

## Agredido à pedrada

No Banco do Hospital de S. José, foi pensado, e foi para casa, Amadeu António Rodrigues, 11 anos, sapateiro, rua Gomes Freire, 39, que ali foi agredido com uma pedrada, ficando ferido na cabeça.

S. Aproveu-se uma proposta para que ela fosse arquivada por não merecer discussão atenta a forma como está redigida, fazendo-se sentir a F. J. S. que no campo juvenil tem muito por onde exercer a sua acção nada tendo que se intrometer na vida interna sindical. Pela comissão administrativa foi comunicado que o secretário geral Manuel Nunes afastou-se temporariamente por motivo de doença.

Para a comissão revisora de contas do primeiro trimestre do corrente ano foram nomeados José Dias Lobo, Gabriel Antunes e Serafim Rodrigues.

Para delegados a C. G. T. foram nomeados Carlos Gil e Gabriel Antunes.

Leram-se cópias de documentos enviados pelo Sindicato do Porto e que se referem ainda ao incidente da C. G. T. Entre eles há um que contém acusações a Santos Arranha, delegado do dito Sindicato. O mesmo Sindicato propõe que esta Federação proceda a um inquérito a fim de averiguar da veracidade das acusações.

Foi aprovada a proposta do Sindicato do Porto ficando a comissão de inquérito constituída por Carlos Gil, Serafim Rodrigues e Gabriel Antunes, a qual vai encetar imediatamente os seus trabalhos.

Trabalhadores do Tráfego — Reuniu em assembleia geral, tendo aprovado o balancete de contas de mês de junho.

## CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação Metalúrgica — Comissão Administrativa — A's 20 horas com a comparência das camaradas que estavam demissionárias.

Conselho Federal — A's 21 horas, com a seguinte ordem dos trabalhos:

1.ª Discussão do relatório dos delegados à C. G. T.

2.ª Discussão da moção que trata do orgão corporativo.

3.ª Apreciação da circular da C. G. T. Congresso do Ramo de Alimentação — Pelas 20 horas, a comissão organizadora, para apreciar um officio da Federação Vinícola.

Sindicato Único Metalúrgico — Reuniu hoje pelas 20 horas a comissão administrativa.

Secção do Alto do Pinho — A comissão reorganizadora pelas 20,30 horas para tratar dum assunto urgente para esta secção com a comparência do secretário administrativo.

Sindicato da Construção Civil — Conselho Técnico — Pelas 21 horas reúne o Conselho de delegados.

Manipuladores de Pão — Em conjunto, às 14 horas, as comissões administrativas actual e cessante para um assunto urgente.

## UM CASO COMPLICADO

que se explica em poucas linhas

EVORA, 29. — Referia-se a *Batalha* de 28 do corrente mês e sob a epigrafe que encima esta correspondência, a um indivíduo desta cidade que dera entrada na casa de saúde das Amoreiras.

Sobre este assunto nada pretendíamos dizer, porque de verdade nada se sabe ainda e é provável que nunca se chegue a saber. É uma scena sangrenta passada na alta sociedade e por isso nunca se saberá a verdade, tanto mais que ela apenas teve duas testemunhas: pai e filho. No entanto corre o boato de que o filho, que joga imenso, tendo perdido grande quantia ao jogo, teve com o pai forte discussão, da qual resultou êle ter disparado alguns tiros contra o autor dos seus dias, tentando em seguida pôr termo à existência, disparando contra si a carga duma pistola. O pai, que se encontra em estado menos grave, declarou que os ferimentos que recebeu foram resultantes duma enorme queda que sofreu no momento do filho tentar pôr termo à vida.

Um permenor curioso: quando a policia entrou em casa dos feridos não encontrou as capulhas das balas, apesar de terem encontrado duas pistolas sem bala alguma e com as quais os ferimentos foram feitos.

O engenheiro agrônomo e rico proprietário, António Gomes Ramalho, é o pai e Luis Inácio de Mira Ramalho é o filho, o contrário do que a *Batalha* informou. — (E)

## Edições de «A Sementeira»

Práticas neo-maltusianas..... \$50  
O sentido em que somos anarquistas..... \$30  
A peste religiosa..... \$40  
A Liberdade..... \$50  
A Internacional (música e letra)..... \$30  
Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

## MALAS POSTAIS